

A PREENCHER PELO ALUNO

Nome completo _____

Documento de identificação n.º _____

Assinatura do aluno _____

A PREENCHER PELA ESCOLA

N.º convencional

N.º convencional

A PREENCHER
PELO AGRUPAMENTO

N.º confidencial da escola

Prova Final de Português
Prova 91 | 1.ª Fase | 3.º Ciclo do Ensino Básico | 2023
9.º Ano de Escolaridade

Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho

A PREENCHER PELO PROFESSOR CLASSIFICADOR

Classificação em percentagem _____ (_____ por cento)

Correspondente ao nível _____ (_____)

Data: ____ / ____ / ____

Código do professor classificador _____

Observações _____

A PREENCHER PELA ESCOLA

Classificação alterada em sede de reapreciação conforme despacho em anexo Classificação alterada em sede de reclamação conforme despacho em anexo

Duração da Prova: 90 minutos. | Tolerância: 30 minutos.

16 Páginas

A prova inclui 17 itens, devidamente identificados no enunciado, cujas respostas contribuem obrigatoriamente para a classificação final. Dos restantes 4 itens da prova, apenas contribuem para a classificação final os 2 itens cujas respostas obtenham melhor pontuação.

Todas as respostas são dadas no enunciado da prova.

Utiliza apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.

Não é permitido o uso de corretor. Risca aquilo que pretendes que não seja classificado.

Não é permitida a consulta de dicionário.

Apresenta apenas uma resposta para cada item.

Se o espaço reservado a uma resposta não for suficiente, podes utilizar o espaço que se encontra no final da prova. Neste caso, deves identificar claramente o item a que se refere a tua resposta.

As cotações dos itens encontram-se no final da prova.

Página em branco

Para responderes aos itens 1.1. a 1.4., ouve a gravação e segue as instruções.

TEXTO A



Fonte: www.tsf.pt (consultado em 16/02/2023)

1. Assinala com **X**, nos itens 1.1. a 1.4., a opção que completa cada afirmação, de acordo com o texto.

* 1.1. A palavra «mas», usada no início do texto, introduz a informação relativa

- A ao número de bibliotecas visitadas anualmente nos países da União Europeia.
- B à quantidade de visitantes de bibliotecas públicas na União Europeia.
- C ao interesse da União Europeia quanto à utilização de bibliotecas digitais.

* 1.2. Para que as bibliotecas públicas da União Europeia disponibilizem integralmente as suas coleções, será necessário

- A alterar a legislação em vigor.
- B recrutar mais funcionários.
- C dinamizar ações de sensibilização.

* 1.3. A *Europeana* é

- A uma página de Internet.
- B um museu europeu.
- C uma biblioteca multimédia.

* 1.4. No final do texto, a repetição da forma verbal «há» tem como objetivo

- A enumerar as coleções temáticas da *Europeana*.
- B salientar a riqueza e o interesse da *Europeana*.
- C destacar as exposições promovidas pela *Europeana*.

Lê o Texto B e as notas.

TEXTO B

Durante o ato da leitura (ou da interpretação ou da recitação), a posse de um livro adquire por vezes um valor de talismã¹. No Norte de França, ainda hoje os contadores de histórias das aldeias usam livros como adereços: sabem o texto de cor, mas fazem mostra de autoridade fingindo ler, mesmo que segurem o livro de pernas para o ar. Há qualquer coisa na posse de um livro – objeto que pode conter infinitas fábulas, palavras sábias, crónicas de tempos passados, histórias cómicas e revelações divinas – que concede ao leitor o poder de criar uma história e ao ouvinte a sensação de estar presente no momento da criação. O importante, nessas ocasiões, é que o momento da leitura envolva todos os elementos – ou seja, leitor, público e livro –, sem os quais o espetáculo não estaria completo.

Ouvir ler pelo prazer, ouvir ler com o intuito da instrução ou de conceder ao som a primazia² sobre o significado, tudo isto enriquece a leitura, mas também a diminui. Permitir que outra pessoa pronuncie por nós as palavras escritas numa página é uma experiência muito menos pessoal do que segurar o livro e descobrir o texto com os nossos próprios olhos. A rendição à voz do leitor priva-nos de atribuir ao livro um certo ritmo, um tom, uma entoação exclusiva de cada pessoa. Condena o ouvido à língua de outrem, e assim se estabelece uma hierarquia (por vezes manifestada na posição privilegiada do leitor, sobre uma cadeira à parte ou um estrado) que põe o ouvinte à mercê do³ leitor. Ao mesmo tempo, o ato de ler em voz alta para um ouvinte atento obriga muitas vezes o leitor a tornar-se mais escrupuloso⁴, a ler sem saltar passagens nem voltar atrás.

Alberto Manguel, *Uma História da Leitura*, trad. Rita Almeida Simões, Lisboa, Tinta-da-China, 2020, pp. 167-170. (Texto adaptado)

NOTAS

¹ *talismã* – amuleto; objeto com poder mágico.

² *primazia* – prioridade; vantagem.

³ *à mercê do* – sujeito ao.

⁴ *escrupuloso* – cuidadoso.

- * 2. Numera os tópicos de 1 a 5, de acordo com a ordem pela qual as informações são apresentadas no texto.

O primeiro tópico já se encontra numerado.

- A leitura em voz alta enquanto momento de criação de histórias
- O contraste entre ouvirmos ler em voz alta e sermos nós a ler
- A relação entre o tipo de ouvinte e a qualidade da leitura em voz alta
- 1 O livro como objeto simbólico no momento da leitura em voz alta
- Os elementos indispensáveis à realização da leitura em voz alta

3. Assinala com **X**, nos itens 3.1. a 3.3., a opção que completa cada afirmação, de acordo com o texto.

3.1. A locução conjuncional «mesmo que» (linha 4) pode ser substituída por

- A *ainda que.*
- B *a fim de que.*
- C *a menos que.*
- D *logo que.*

3.2. Para caracterizar a experiência de ser ouvinte de uma história, por oposição à experiência de a ler, o autor usa o adjetivo «pessoal» (linha 14) no grau

- A superlativo absoluto analítico.
- B superlativo relativo de inferioridade.
- C comparativo de inferioridade.
- D comparativo de superioridade.

* 3.3. O assunto comum aos dois parágrafos do texto é

- A a importância da presença do livro para os contadores de histórias.
- B a relação entre o leitor, o livro e o ouvinte no momento da leitura.
- C o empenho do leitor em descobrir os livros com os seus próprios olhos.
- D o grau de exigência dos ouvintes atentos às histórias que lhes são contadas.

Lê o Texto C, um excerto do conto «O Sésamo», de Miguel Torga, e as notas.

TEXTO C

– Abre-te, Sésamo!¹ – gritava o Raul, no meio do silêncio pasmado da assistência.

A fiada² estava apinhada naquela noite. Mulheres, homens e crianças. As mulheres a fiar, a dobar ou a fazer meia, os homens a fumar e a conversar, e a canalhada³ a dormir ou nas diabruras do costume. Mas chegou a hora do Raul e, como sempre,
5 todos arrebitaram a orelha às histórias do seu grande livro.

«– Abre-te, Sésamo! – E o antro⁴, com seu deslumbrante recheio, escancarou-se em sedutor convite...»

As crianças arregalavam os olhos de espanto. Os homens estavam indecisos entre acreditar e sorrir. As mulheres sentiam todas o que a Lamega exprimiu num comentário:

10 – O mundo tem cousas!...

Urros, em plena montanha, é uma terra de ovelhas. Ao romper de alva, ainda o dia vem longe, cada corte⁵ parece um saco sem fundo donde vão saindo movediços novos de lã. Numa loja de gado⁶, ao quente bafo animal, junta-se o povo. Todos os moradores se quotizam⁷ para a luz de carboneto ou de petróleo, e o serão começa.

15 É no inverno, nas grandes noites sem-fim, que se goza na aldeia essa fraternidade. Há sempre novidades a discutir, namoriscos a tentar, apagadas fogueiras que é preciso reacender, e, sobretudo, há o Raul a descobrir cartapácios⁸ ninguém sabe como e a lê-los com tal sentimento ou com tanta graça que ou faz chorar as pedras ou rebentar um morto de riso.

20 Daquela feita tratava-se de uma história bonita, que metia uma grande fortuna escondida na barriga de um monte. E o rapazio, principalmente, abria a boca de deslumbramento. Todos guardavam gado na serra. E a todos ocorrera já que bem podia qualquer penedo dos que pisavam estar prenhe⁹ de tesouros imensos. Mas que uma simples palavra os pudesse abrir – isso é que não lembrara a nenhum.

25 Da gente miúda que escutava, o mais pequeno era o Rodrigo, guicho¹⁰, imaginativo, e por isso com fama de amalucado. No meio de uma conversa séria, tinha saídas inesperadas e desconcertantes. Via estrelas de dia, que ninguém, por mais que fizesse, conseguia enxergar, assobiava modas¹¹ inteiramente desconhecidas, e desenhava no chão a cara de quem quer que fosse, o que era o cúmulo dos assombros. Enfezado,
30 sempre a pegar com os outros e a berrar como um infeliz quando depois lhe batiam, ouvia do seu canto a leitura do Raul, maravilhado e a fazer projetos.

A fiada acabou tarde, com a assistência a cair de sono e a lutar para prender na imaginação aquela riqueza oriental enfragada¹². E de manhãzinha, o Rodrigo, contra o costume, esgueirou-se sozinho para a serra da Forca atrás do rebanho. A história do

35 Raul tinha-lhe encandescido os miolos¹³.

Miguel Torga, «O Sésamo» in *Contos*, 5.ª ed., Alfragide, Publicações Dom Quixote, 2009, pp. 429-430. (Texto com supressões)

NOTAS

- ¹ *Abre-te, Sésamo!* – fórmula mágica usada para abrir uma caverna na história *Ali Babá e os Quarenta Ladrões*.
² *fiada* – reunião de pessoas para fiar lã ou linho.
³ *canalhada* – grupo de crianças.
⁴ *antro* – gruta; caverna muito escura.
⁵ *corte* – curral; lugar onde se recolhe o gado.
⁶ *loja de gado* – espaço onde se recolhe o gado; curral.
⁷ *quotizam* – contribuem para a despesa comum.
⁸ *cartapácios* – livros volumosos.
⁹ *prenhe* – cheio; repleto.
¹⁰ *guicho* – vivo; esperto.
¹¹ *modas* – cantigas.
¹² *enfragada* – presa entre rochas.
¹³ *tinha-lhe encandescido os miolos* – tinha-lhe posto a cabeça a fervilhar.

- * 4. «– Abre-te, Sésamo! – gritava o Raul, no meio do silêncio pasmado da assistência.» (linha 1)

Explica por que razão esta passagem corresponde a um momento posterior ao que é narrado nas linhas 2 a 5, tendo em conta:

- a relação entre a frase «– Abre-te, Sésamo!» e a história contada pelo Raul;
- a relação entre o «silêncio pasmado da assistência» e o que acontece quando chega «a hora do Raul».

5. Assinala com **X**, nos itens **5.1.** e **5.2.**, a opção que completa cada afirmação, de acordo com o texto.

5.1. No início do texto (linha 1), para estabelecer uma relação entre a voz do Raul e o efeito que esta produz na assistência, o narrador usa

- A uma comparação.
B uma antítese.
C uma anáfora.
D uma enumeração.

* 5.2. Nas linhas 2 a 4, a descrição do comportamento dos diferentes grupos de personagens reunidas naquele espaço recorre à coordenação

- A explicativa e copulativa.
- B disjuntiva e adversativa.
- C disjuntiva e copulativa.
- D explicativa e adversativa.

* 6. Relê a frase seguinte, na qual o narrador descreve a povoação de Urros.

«Urros, em plena montanha, é uma terra de ovelhas.» (linha 11)

Assinala com **X** a opção que apresenta a função sintática do segmento sublinhado.

- A Predicativo do sujeito
- B Sujeito
- C Modificador do nome
- D Complemento direto

* 7. Assinala com **X** a opção que completa a afirmação, de acordo com o texto.

A comparação «cada corte parece um saco sem fundo donde vão saindo movediços novelos de lã» (linhas 12-13) põe em destaque

- A a maior riqueza para os habitantes da aldeia.
- B a configuração dos currais existentes na aldeia.
- C a boa qualidade da lã produzida na aldeia.
- D a maior surpresa para os habitantes da aldeia.

* 8. «É no inverno, nas grandes noites sem-fim, que se goza na aldeia essa fraternidade.» (linha 15)

Qual das passagens seguintes corresponde à demonstração da «fraternidade» referida pelo narrador nesta frase?

Assinala com **X** a opção correta.

- A «Numa loja de gado, ao quente bafo animal, junta-se o povo» (linha 13)
- B «Todos os moradores se quotizam para a luz de carboneto ou de petróleo» (linhas 13-14)
- C «Há sempre novidades a discutir, namoriscos a tentar» (linhas 15-16)
- D «e, sobretudo, há o Raul a descobrir cartapácios ninguém sabe como e a lê-los» (linhas 17-18)

9. Assinala com **X**, nos itens 9.1. e 9.2., a opção que completa cada afirmação, de acordo com o texto.

* 9.1. Nas linhas 18 e 19, para transmitir o efeito das histórias do Raul na sua audiência, o narrador usa hipérbolos incluídas numa oração subordinada

- A adjetiva relativa.
- B substantiva completiva.
- C adverbial consecutiva.
- D adverbial comparativa.

* 9.2. De entre o povo que ouvia a «história bonita» (linha 20) do Raul, quem a relacionava com a sua atividade

- A eram as mulheres, em geral.
- B era a Lamega, em particular.
- C eram os homens, em geral.
- D era o rapazio, em particular.

- * 10. Relê a frase seguinte e assinala com **X** a opção que completa a afirmação abaixo apresentada.

«E a todos ocorrera já que bem podia qualquer penedo dos que pisavam estar prene de tesouros imensos.» (linhas 22-23)

Nesta frase, o narrador refere um pensamento ocorrido a algumas personagens num tempo anterior ao momento em que escutam a história do Raul. Por isso, a forma verbal sublinhada encontra-se

- A no pretérito mais-que-perfeito simples do indicativo.
B no pretérito imperfeito do indicativo.
C no pretérito perfeito simples do indicativo.
D no presente do indicativo.

- * 11. O Rodrigo «ouvia do seu canto a leitura do Raul, maravilhado e a fazer projetos» (linha 31).

Explica, por palavras tuas, por que razão este comportamento do Rodrigo está de acordo com o modo como ele é caracterizado nas linhas 25 a 29.

12. Assinala com **X** a opção que completa a afirmação seguinte.

No final do texto, referindo-se ao efeito da história na personagem Rodrigo, o narrador usa a expressão «tinha-lhe encandescido os miolos» (linha 35) para transmitir a ideia de que essa história lhe tinha despertado

- A medo.
B desejo.
C alegria.
D angústia.

Página em branco

Lê o Texto D (estâncias 55 e 56 do Canto V de *Os Lusíadas*) e as notas.

TEXTO D

- Est. 55** «Já néscio¹, já da guerra desistindo,
Õa noite, de Dóris prometida,
Me aparece de longe o gesto lindo
Da branca Tétis, única, despida.
Como doudo corri de longe, abrindo
Os braços pera aquela que era vida
Deste corpo, e começo os olhos belos
A lhe beijar, as faces e os cabelos.
- Est. 56** «Oh que não sei de nojo² como o conte!
Que, crendo ter nos braços quem amava,
Abraçado me achei cum duro monte
De áspero mato e de espessura brava.
Estando cum penedo fronte a fronte,
Qu' eu polo rosto angélico apertava,
Não fiquei homem, não; mas mudo e quedo
E, junto dum penedo, outro penedo!

Luís de Camões, *Os Lusíadas*, edição de A. J. da Costa Pimpão, 5.ª ed., Lisboa, IC/MNE, 2003, pp. 226-227.

NOTAS

¹ *néscio* – sem saber o que fazia.

² *nojo* – vergonha.

